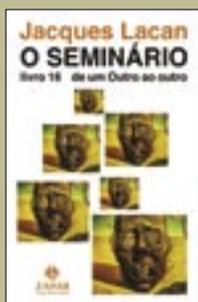


Algumas
impressões
a respeito do
livro 16 de

O Seminário,

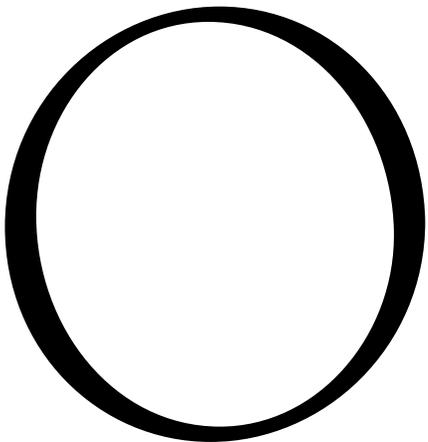
de Jacques
Lacan



*O Seminário – Livro
16: de um Outro
ao Outro*, de Jacques
Lacan, Rio de Janeiro,
Jorge Zahar, 2008,
412 p.

VALTER JOSÉ
é doutor em Filosofia
pela FFLCH-USP.

VALTER JOSÉ



s seminários de Jacques Lacan não são estritamente para psicanalistas, que pouco aproveitam os ensinamentos contidos neles. Na verdade a obra lacanianiana deve ser vista primeiramente como uma ótima oportunidade de fruição para quem entende uma leitura difícil como fonte de prazer. Afinal, José Lezama Lima dizia que só

o difícil é estimulante. No caso de Lacan, o prazer também está em seguir um personagem um tantinho genial e um tantinho excêntrico, característica esta que pode ser observada, por exemplo, em alguns vídeos do Youtube, em que se vê um Lacan enfático, preocupado com suas gravatas, seus cigarros e cioso em causar assombro e risos em seu auditório com frases do tipo: “As relações sexuais não existem”; ou: “O real se perde na relação sexual”; ou ainda: “Desejo-lhes um feliz ano novo: 69 é um bom número”.

Suas frases de efeito, no entanto, são apenas a capa de um enorme livro, em grande parte de difícil leitura, labiríntico, com suas sendas e caminho.

Se nos *Écrits* sua escritura é alambicada, alusiva e invertida, como palavras ao espelho, nos *Seminários* emergem registros de suas falas públicas não menos alambicadas e alusivas.

Esse *O Seminário – Livro 16: de um Outro ao Outro* tem o mesmo encanto que os outros 25 da série. Encanto que consiste principalmente em suas ambiguidades.

Trata-se realmente de um pensamento vivaz em seu hibridismo.

Lacan parece fazer uma reflexão crítica e epistemológica da psicanálise, à moda da tradição de Kant a Popper, mas não faz exatamente isso. Pois não é possível esse tipo de crítica, que determina os limites e os métodos da ciência, já que o pensar lacanianiano “subverte” a noção de sujeito. Mas esse pensar vai em direção a uma epistemologia, sem abandonar a metafísica e a Teologia.

Esse Livro 16 ocupa um lugar estratégico na obra lacanianiana. Nele o autor esclarece sua posição em relação ao estruturalismo e em relação a maio de 68. Por exemplo, ele não se coloca como estruturalista, argumentando que esse título lhe é dado pela mídia e pelo disse-me-disse dos cafés. Entretanto, quando fala em estrutura, nunca grita: “Afastem de mim esse cálice”. O que diz é: “A estrutura deve ser no sentido em que é mais real, em que é o próprio real” (p. 30). Ou seja, é apenas o real que é em si estrutura.

Esse seminário se desenvolve entre novembro de 1968 e junho de 1969 (um ótimo ano cabalístico). Ou seja, em uma época conturbada e barulhenta.

O modo como Lacan pensa e se deixa envolver pelos acontecimentos políticos da época é também explosivo e conturbado. Pois as greves e os distúrbios são vistos por ele na confluência de Marx e Freud, mas essa confluência é bem diversa da que havia sido realizada por Reich e Marcuse.

Ao invés de contrapor o prazer à repressão, Lacan aproxima Marx de Freud colocando a “mais-valia” do primeiro como o “mais gozar” do segundo. Entretanto, esse “mais gozar” tem a ver com a renúncia ao gozo, na medida em que o seu cenário também é o mercado capitalista, sob a forma do mercado do saber. Diz ele:

“A partir do saber, percebe-se, enfim, que o gozo se ordena e pode se estabelecer como rebuscado e perverso. Isso não é novo, mas só se revela a partir da homogeneização dos saberes do mercado.

Nessa situação, portanto, o que representa o mal-estar da civilização, como se costuma dizer? É um mais gozar obtido através da renúncia ao gozo, respeitado o princípio do valor do saber” (p. 78).

O “mais gozar” é o resultado das leituras que Lacan fez de Marx, leituras que o fazem colocar a psicanálise dentro do real, isto é, da estrutura. É nessa medida que ela está inserida no mercado da ciência que é, na verdade, o mercado.

Isso fará com que o psicanalista francês se vire contra as manifestações dos estudantes e operários em 68, dizendo que a reivindicação dos insurgentes por um saber realmente para todos é uma impossibilidade real. Para ele, a “revolução” de 68 não tem nada ver, por exemplo, com a tomada da Bastilha. A interpretação lacaniana desses fatos é preciosa.

“É por isso que sua filha está muda, minhas caras crianças. Ou seja, foi por isso que em maio a coisa esquentou.

Foi uma grande tomada da palavra, expressiu-se alguém que não ocupa um lugar desprezível no meu campo. Tomada da palavra? Creio que seria um erro darmos a esta tomada uma homologia com a tomada da Bastilha qualquer. Está mais para uma tragada de cigarro ou de erva, eu diria” (p. 41).

Essa posição lacaniana é conservadora. Ora, mas o que querem também os psiquiatras e os psicólogos em geral? Eles querem curar seus pacientes para que eles se adaptem às leis sociais e ao bom senso racional, para que deixem de lado essa coisa de liberdade sexual e outros sintomas.

Nessa medida, esse dr. Lacan, que vê o desejo como algo arraigado à lei (ver o texto “Kant e Sade”), não se diferencia em nada do dr. Phil (do programa do mesmo nome) que, na TV a cabo FoxLife, resolve racionalmente problemas familiares e de relacionamento em geral, daqueles que têm a cara de pau, a perversão exibicionista e a extroversão desesperada de se colocarem diante das câmeras. O psicanalista francês, que, em muitas horas, é crítico do posicionamento do *american way of life*, parece entrar em contradição, pelo menos quanto a esse ponto.

Uma outra contradição de Lacan é em relação à filosofia. Por um lado, ele foi um dos que frequentaram os seminários de Kojévê com as leituras de Hegel, compartilhando essa experiência com outros grandes intelectuais franceses, como Georges Bataille e outros, e tornando-se também depois, como seus colegas de seminário, um crítico das

filosofias do sujeito e do pensamento sistemático em geral. Mas, no decorrer desse *O Seminário – Livro 16*, faz, em pelo menos dois momentos, severos ataques à filosofia. Em um momento diz:

“O pensamento, não é a partir da orientação objetiva, em absoluto, que temos que interrogá-lo no tocante à liberdade. Por esse aspecto, ele só é livre do lado da utopia, daquilo que não tem nenhum lugar no real” (p. 263).

Em outro momento chega a ser mais agressivo:

“Ele [Pascal] havia acreditado que o significante ‘Deus’ poderia funcionar. Na verdade, funciona no nível de alguma coisa cuja questão é saber se não se trata de uma forma de debilidade mental, ou seja, a Filosofia” (p. 173).

Negar a liberdade de pensamento e fazer da filosofia sinônimo de debilidade mental não se coaduna com uma reflexão (mesmo psicanalítica) cujas vigas mestras são Kant, Hegel e Pascal.

Um dos caminhos para se tentar encarar essa contradição, se ela for realmente uma contradição, é observar que a reflexão de Lacan tem lá suas dívidas com a linguística de Saussure, com o estruturalismo de Lévi-Strauss e, obviamente, com Freud, a razão principal de todo pensar lacaniano.

Essas vias apontam para uma crítica da noção de sujeito, colocando-o no âmbito do significante e da estrutura. Como mostra essa frase fundamental: “Sujeito é aquilo que pode ser representado por um significante para outro significante” (p. 22).

Sem dúvida é a questão do discurso que coloca Lacan em posição crítica em relação à filosofia. Mas é o discurso filosófico que permite a ele dar à psicanálise o *status* de uma ciência. Sendo ciência, ela abarca a própria filosofia, na medida em que ela estaria arraigada na estrutura viva do real. Nesse caminho, a psicanálise talvez veria a filosofia como uma escada que seria abandonada, após chegar ao seu auge...